

## Nas redes sociais da conversão e da fé: dinâmicas de “destransição de gênero” e “renúncia à homossexualidade” no *Instagram* e *TikTok*

**Yuri Alexandre Estevão-Rezende<sup>1</sup>**  
**Nora Dalva Arantes Lima<sup>2</sup>**  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** O artigo parte da preocupação compartilhada pelas autoras: por que os casos de “destransição e conversão sexual” a partir da adesão religiosa têm ganhado visibilidade? Assim, nosso objetivo foi analisar como as redes sociais têm afetado o modo como os sujeitos publicizam essas experiências. Acompanhamos, desde 2023, os perfis no *Instagram* e no *TikTok* de dois influenciadores que vivenciam tais trajetórias. A investigação estende-se também aos efeitos e reações provocadas por esses testemunhos. Observamos que as plataformas não apenas ampliam a exposição desses relatos, mas atualizam e ressignificam essas vivências diante de uma audiência mais ampla, extrapolando os limites das mídias tradicionais. Percebemos que a “destransição” e a conversão sexual, articuladas à filiação religiosa, exigem reafirmação constante, registro, compartilhamento e reencenação das diferentes fases do processo. Ademais, um público engajado participa da regulação dessas dinâmicas, ainda que em intensidades variadas.

**Palavras-chave:** gênero; sexualidade; destransição; redes sociais; conversão religiosa.

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista da CAPES. Integra o Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade (GESEX-UFGM) e o Laboratório Conectividades – Estudos de Parentesco e de Família (UFRRJ).

<sup>2</sup> Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista CAPES. Integra o Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade (GESEX-UFGM) e também o Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS-UFGM).

## On the social networks of conversion and faith: dynamics of “gender detransition” and “renunciation of homosexuality” on *Instagram* and *TikTok*

**Abstract:** This article originates from a concern shared by the authors: why have cases of “detransition and sexual conversion” linked to religious adherence gained visibility? Our objective was to examine how social media have shaped the manner in which individuals make these experiences public. Since 2023, we have tracked the Instagram and TikTok profiles of two influencers undergoing these trajectories. The investigation also addresses the effects and responses generated by their testimonies. We found that these platforms not only amplify exposure to such narratives, but also refresh and re-signify them before a wider audience, transcending the boundaries of traditional media. Furthermore, we observed that “detransition” and sexual conversion tied to religious affiliation demand ongoing reaffirmation, documentation, sharing, and re-enactment of the process’s various stages. Moreover, an engaged audience participates in regulating these dynamics, albeit at different levels of intensity.

**Keywords:** gender; sexuality; detransition; social media; religious conversion.

## En las redes sociales de la conversión y la fe: dinámicas de “detransición de género” y “renuncia a la homosexualidad” en *Instagram* y *TikTok*

**Resumen:** El presente artículo parte de una inquietud compartida entre las autoras: ¿por qué los casos de “detransición y conversión sexual” vinculados a la adhesión religiosa han ganado visibilidad? Nuestro propósito fue examinar cómo las redes sociales están influyendo en la manera en que estos sujetos hacen públicas sus experiencias. Desde 2023, hemos seguido los perfiles en Instagram y TikTok de dos influencers que atraviesan esas trayectorias. La investigación incluye asimismo los efectos y reacciones provocados por dichos testimonios. Hemos observado que las plataformas no solo amplifican la difusión de estas narrativas, sino que también las actualizan y resignifican ante una audiencia más extensa, superando los límites de los medios tradicionales. Además, constatamos que la “detransición” y la conversión sexual, articuladas con la afiliación religiosa, requieren una reaffirmación constante, documentación, compartición y re-escenificación de las distintas fases del proceso. Por último, un público comprometido interviene en la regulación de esas dinámicas, aunque con niveles variables de intensidad.

**Palabras clave:** género; sexualidad; detransición; redes sociales; conversión religiosa.

Vir a público para afirmar que Deus converteu sua vida, mudou seu destino e lhe fez um novo homem ou uma nova mulher à Sua imagem e semelhança não é algo recente. A literatura antropológica tem evidenciado, há alguns anos, como discursos e testemunhos sobre conversões de gênero e sexualidade circulam em diferentes mídias no Brasil, frequentemente articulando noções de pecado, regeneração e destino à construção de identidades morais e políticas.

Neste artigo, no entanto, nos interessa refletir sobre como as redes sociais têm afetado os modos pelos quais sujeitos publicizam tais processos de conversão e as implicações desse uso. Partimos da hipótese de que, antes da popularização das mídias digitais, a circulação desses testemunhos ocorria sobretudo em contextos mais localizados, sejam eles eclesiais, familiares ou comunitários. Mesmo quando veiculadas em programas televisivos, por vezes religiosos, essas narrativas tendiam a alcançar um público já predisposto, formado majoritariamente por pessoas vinculadas a comunidades de fé ou interessadas nesse tipo de conteúdo. Com o crescimento das plataformas digitais<sup>3</sup>, especialmente a partir da década de 2010, essas narrativas passam a ocupar outros circuitos de visibilidade. Nas redes sociais, o conteúdo não é acessado apenas por quem o procura, mas frequentemente aparece nos *feeds*<sup>4</sup> de pessoas que não têm relação prévia com ambientes religiosos. Isso faz com que esses testemunhos ganhem uma audiência ampliada e mais heterogênea, atravessando fronteiras e provocando reações diversas.

Entendemos, assim, que as redes sociais têm possibilitado a emergência de formas específicas de produção de si, que chamamos de “destransições e conversões sexuais públicas”<sup>5</sup>, processos de transformação do *self* performados, narrados e reiterados no espaço digital, com forte apelo visual e testemunhal. Trata-se de ambientes nos quais as postagens sobre tais experiências são acompanhadas por uma audiência, permitindo o estabelecimento de uma espécie de relação contínua, que acompanha o desenrolar das conversões e das destransições. Mais do que simples espectadores, os usuários das redes parecem, em algum nível, participar desses processos, seja por meio de comentários, reações ou compartilhamentos que os reafirmam, tensionam ou reconfiguram. Essa dinâmica gera tanto apoio quanto convoca debates morais, religiosos e políticos em torno das questões de gênero e sexualidade.

<sup>3</sup> Reconhecemos que os termos 'plataforma', 'mídia social' e 'rede social' apresentam distinções conceituais relevantes, especialmente no campo dos estudos sociotécnicos. Neste artigo, utilizamos essas expressões de forma aproximada, por vezes intercambiável, considerando que ambientes como *Instagram* e *TikTok* operam simultaneamente como plataformas (infraestruturas técnicas, de mediação e econômicas), mídias sociais (espaços de produção e circulação de conteúdo) e redes sociais (estruturas baseadas em conexões entre perfis e/ou usuários). Enquanto antropólogas, optamos por privilegiar a forma como esses termos têm sido empregados de maneira semelhante pelas pessoas na vida social, sem descon siderar a complexidade conceitual envolvida.

<sup>4</sup> *Feeds* são estruturas de apresentação de conteúdo utilizadas por plataformas digitais, organizadas de forma vertical e contínua. Funcionam como linha do tempo, exibindo publicações de acordo com critérios definidos pela plataforma, geralmente baseados na atividade e nas interações do usuário.

<sup>5</sup> Mobilizamos o termo “destransição” neste artigo não com a intenção de sintetizar ou descrever experiências, tampouco de referendá-las por meio de uma categoria fixa, mas por ser essa a forma como tais processos têm sido nomeados por diferentes pessoas, tanto nas mídias tradicionais quanto nas redes sociais. Trata-se, portanto, de uma espécie de categoria êmica, cuja circulação e disputa envolvem uma rede de sujeitos, sejam pessoas trans\* e travestis ou um público mais amplo, em distintos contextos sociais e políticos.

Para investigar e aprofundar esses argumentos, acompanhamos, desde 2023, dois casos públicos e emblemáticos de “destransição” de gênero e conversão sexual: Manuel (ex-Catty Lares) e Mikaelyson Henrique, seu amigo – ambos influenciadores conhecidos pela produção de conteúdo humorístico nas redes sociais. Ao longo desse período, monitoramos suas publicações no *Instagram* e *TikTok*<sup>6</sup>, incluindo vídeos, stories, comentários e *reels*<sup>7</sup>. Nosso foco não se limita ao teor dos testemunhos, mas também aos contextos em que são produzidos, circulam e às reações de seguidores e outros usuários em torno desses processos. Os dados aqui analisados, portanto, têm origem em materiais disponíveis plataformas digitais, mas não estão isolados ou restritos a esse campo, uma vez que as diversas concepções que deles emergem dizem respeito à forma como os debates sobre gênero e sexualidade têm sido integrados a um quadro político e social mais amplo e cotidiano.

Rifiotis (2016) destaca que havia, ao menos nos primórdios das pesquisas realizadas no ambiente online, certa desconfiança em relação às possibilidades de uma antropologia do ciberespaço, especialmente no que diz respeito à etnografia. Havia, assim, uma oposição entre pesquisas *online* e aquelas realizadas por meio do encontro pessoal, face a face, como se a antropologia ainda estivesse presa a essa dualidade entre o presencial e o digital. Contudo, em um contexto em que as redes sociais parecem borrar a ideia de uma divisão rígida entre *online* e *offline*, inspiramo-nos na noção proposta por Christine Hine (2020), segundo a qual a internet hoje se relaciona socialmente de maneira incorporada (*embedded*), corporificada (*embodied*) e cotidiana (*everyday*). Estamos, portanto, menos interessados nessa fronteira e, com isso, atentamos para o fato de que “os temas e questões que estudamos forçosamente muitas vezes cruzam essa fronteira (ou são agnósticos sobre a existência de tal fronteira como um princípio organizador para a experiência social)” (HINE, 2020: 35). Nesse sentido, a partir da etnografia realizada nas redes sociais dos influenciadores mencionados, buscamos refletir sobre os modos pelos quais a dinâmica das plataformas digitais afeta e gera efeitos em processos que não são exatamente novos, como a “destransição” de gênero e a conversão da sexualidade a partir da adesão a uma experiência religiosa.

Antes de seguirmos com nossa análise, cabe salientar que este artigo não tem a intenção de discutir a legitimidade das experiências particulares de “destransição” ou conversão; tal debate sequer figura entre nossas pretensões analíticas ou éticas enquanto antropológicas. No entanto, reconhecemos que essas pessoas possuem agência ao se relacionarem com o cotidiano de diferentes sujeitos e, nesse sentido, também assumem responsabilidades. Argumentamos que, enquanto agentes que ocupam uma espécie de carreira pública, como influenciadores digitais, os conteúdos que produzem e fazem circular não podem ser compreendidos exclusivamente no enquadramento do que é privado ou particular. Ainda que as redes sociais tenham borrado as fronteiras entre o público e o privado (FACIOLI e PADILHA, 2019), tratam-se de conteúdos utilizados para projetar essas carreiras, frequentemente monetizados pelos próprios autores. Com isso, argumentamos que, se, como afirma Facioli e Padilha (2019), as pesquisas em redes sociais

<sup>6</sup> *Instagram* é uma rede social criada em 2010 e voltada inicialmente para o compartilhamento de fotografias. Ao longo do tempo, incorporou diferentes formatos de publicação, como vídeos, stories e reels. Atualmente, pertence à empresa Meta. O *TikTok* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos curtos, lançada em 2016 pela empresa chinesa ByteDance. A dinâmica de exibição de conteúdo é centrada na página “For You”, que apresenta vídeos recomendados com base no comportamento do usuário na plataforma.

<sup>7</sup> *Reels* são vídeos curtos e verticais disponibilizados no *Instagram*. Esse formato foi implementado em 2020 e permite edições rápidas, inserção de áudios e outros recursos visuais. É uma funcionalidade que dialoga diretamente com a lógica de circulação de conteúdo em plataformas como o *TikTok*.

devem considerar, caso a caso, os aspectos éticos que as atravessam, em nossa empreitada entendemos que a forma como tratamos os dados não expõe qualquer pessoa ou grupo a situações vexatórias ou de risco. Ao contrário, são os discursos e narrativas que mapeamos, a partir dessas experiências, que podem afetar, de formas distintas, as vidas de pessoas LGBTI+. Grupo ao qual pertencem o autor e a autora deste artigo.

Assim, considerando que somos um homem cisgênero gay e uma travesti bissexual, ambos brancos e oriundos das camadas populares do interior de Minas Gerais, e que sofremos, respectivamente, violências homotransfóbicas nas Igrejas Evangélica e Católica durante a infância e a adolescência, nossa perspectiva é parcial, situada e politicamente implicada. Ademais, temos observado, em diferentes níveis, o uso de uma semântica da “destransição” que tem sido mobilizada de modo a atingir, sobretudo, pessoas trans\* e travestis. Nesse contexto, estamos imersos e imbricados em discursos que, por vezes, tornam nossos corpos indignos de vida ou os classificam como expressão do “pecado da carne”, passíveis de serem resgatados à vida em Cristo por meio da “renúncia” às nossas sexualidades e identidades de gênero – o que, como as leitoras e os leitores poderão perceber nas páginas que seguem, se articula diretamente com os dois casos aqui analisados.

## **“Destransição” de gênero e conversão sexual nas redes sociais: uma análise a partir de dois casos de adesão religiosa**

A trama que foi chamada por alguns de “destransição pública” e por outros como ‘transformação e renovação espiritual’<sup>8</sup>, tem como centro das atenções a figura de Carlos Manuel que anuncia em determinado momento de suas publicações que iria parar com sua terapia hormonal transfeminilizadora como forma de renúncia “à carne” e conversão religiosa em 18 abril de 2023. A partir desse momento, Manuel, já afastado de suas redes sociais por aproximadamente três meses, passou a adotar uma identidade masculina, excluindo os conteúdos anteriores de suas redes sociais e iniciou procedimentos médicos para reverter modificações corporais realizadas durante a transição. Em 20 de maio de 2023, publicou um vídeo emocionado cortando o cabelo, simbolizando sua escolha pela “destransição”.

O vídeo ganhou notória atenção e repercussão na internet, passando tanto pelos portais de notícia, dos mais progressistas aos portais de fofoca e jornais conservadores, até às redes sociais como *Instagram* e *TikTok*, também partindo de distintos perfis interessados e/ou preocupados com o caso. Fato é que, durante esse período, sua figura passou a ser vista como vítima por uns, por outros como um vencedor que se redimiou perante Deus. Em ambos os casos Carlos Manuel foi utilizado como exemplo. Por agora, gostaríamos de aprofundar em alguns elementos dos vídeos em que é realizado o corte de seu cabelo.

Em vídeos postados na rede social *TikTok*, no dia 20 de maio de 2023, Manuel registra um culto com a presença de sua família e amigos, ainda com os cabelos longos. No púlpito, ele declara:

*Deus nos deu o livre-arbítrio, certo? Pra gente fazer as nossas escolhas. E antes de qualquer coisa, antes de começar a falar, eu quero dar início e deixar bem claro aqui,*

<sup>8</sup> Como podemos ver no perfil de *TikTok* @playtubee (portal playtube), seguido da descrição “Acompanhe a emocionante jornada de Catty Lares” em um vídeo onde seus cabelos são cortados e de forma a simbolizar, para além de fronteiras materiais de gênero, o renascimento de Carlos Manuel.

para cada um que está aqui presente, cada pessoa que está nos assistindo, dizer que eu vim falar de mim, da minha pessoa com Cristo. E hoje eu venho celebrar o casamento com Cristo.

Em outro vídeo, ele prossegue:

*Eu decidi sim renunciar a todos os meus pecados. Eu decidi sim renunciar a tudo aquilo que eu mesmo escolhi, tudo aquilo que eu mesmo desejei, tudo aquilo que eu mesmo planejei. Para entregar minha vida para Cristo. E hoje eu venho aqui compartilhar isto com vocês com muito amor no coração, com uma felicidade que eu nunca tive na minha vida.*

Na sequência, um terceiro vídeo mostra o corte de seus cabelos. Chorando, Manuel entoa a música gospel “Foi na Cruz” que toca naquela cerimônia, enquanto os presentes gritam “Glórias”. Ainda ao som da música e visivelmente comovido, ele abraça sua mãe, que está de joelhos diante dele, também chorando. O corte segue sendo realizado, agora com os retoques finais, compondo a nova estética que ele busca produzir para si.

O corte de cabelo, que em outro contexto poderia ser apenas uma mudança estética, aqui opera como um ritual de passagem no sentido proposto por van Gennep (2013): um momento liminar em que o indivíduo abandona uma antiga identidade e adentra um novo estado de pertencimento. A presença dos membros da igreja reforça o aspecto coletivo e performativo do ato. Trata-se de uma reafirmação pública de fé e masculinidade segundo os valores daquela comunidade cristã. Os fios de cabelo, antes símbolo de sua expressão de gênero como Catty Lares, agora são descartados como oferenda simbólica de renúncia e redenção; mas também de comunicação ao ser vinculado na internet.

Entendemos que esse deve ser lido como um ato de comunicação densa, onde gesto, palavra e contexto interagem para constituir uma nova identidade socialmente validada, não mais a da influenciadora Catty, mas a do homem cisgênero Carlos, convertido e reintegrado a uma comunidade religiosa que lhe oferece, ao mesmo tempo, acolhimento sob determinadas condições que se comportam na semântica evangélica, que muitas vezes interage com a própria cisgeneridade.

No presente texto, partimos da distinção entre pessoas cisgêneras e a cisgeneridade como fenômeno, compreendendo esta última não como uma simples condição identitária, mas como um aparato material-semiótico. Nos inspiramos, assim, na proposta de Emília Braz (2024), que retoma a noção de aparato em Barad (2007), onde a cisgeneridade (*cisness*) é entendida como um padrão diferencial de materialização produzido por intra-ações agenciais entre elementos corporais e discursivos (BRAZ, 2024). A escolha pelo termo em inglês – com o sufixo *ness* – segue o modelo de conceitos como *thingness*, *object-ness* ou *to-be-looked-at-ness*, e permite tratar a cisgeneridade como objeto de investigação científica, deslocando-a de um campo identitário para um campo onto-epistêmico<sup>9</sup>.

Dessa forma, e inspiradas pela definição de Emília Braz (2024), compreendemos a cisgeneridade não como expressão de um sistema ideológico no qual as pessoas se identificam com o gênero atribuído no nascimento, mas como um fenômeno de fabricação de fronteiras entre gênero, sexo, raça e humanidade. Esse deslocamento permite suspender pressupostos sobre masculino e feminino, investigando os percursos históricos e contingentes de sua constituição. Ao adotar essa abordagem transfeminista na análise das tramas digitais envolvendo a repercussão do vídeo de Manuel, percebemos que o problema aqui não está ‘na

<sup>9</sup> Tais categorias não possuem agência independente ou pré-existente: elas se constituem na relação. Assim, toda abstração ou classificação – ainda que indispensável ao trabalho científico – é compreendida como relacional, emergindo no encontro entre pessoas, categorias, discursos e ambientes, em circulação material e informacional contingente e imprevisível.

“destransição” de Catty Lares’, mas sim, em como a repercussão do vídeo opera processos de desumanização de pessoas trans e travestis a partir de elementos materiais que acompanham uma semântica própria e apreendida via associações do que seria o masculino e feminino. E aqui, o cabelo parece ter tomado o centro da mesa como elemento discursivo-material de diferenciação entre o antes e o depois de Carlos Manuel. Os cabelos longos como marca de um passado pecaminoso por se aproximarem do feminino, enquanto os celulares aguardavam pela captura da masculinidade que nascia naquele momento.

A partir de então, o conteúdo produzido por Carlos Manuel nas redes sociais *Instagram* e *TikTok* passa a documentar, de forma sistemática, seu processo de conversão religiosa e “destransição”. Ele publica, por exemplo, vídeos comprando roupas consideradas “masculinas” e registra a remoção da micropigmentação das sobrancelhas. Também compartilha em detalhes todas as etapas da retirada da prótese mamária, desde a realização de exames de sangue (em vídeo postado no dia 8 de junho de 2023) até o ultrassom das mamas. No dia seguinte, novos vídeos mostram Manuel já no quarto de hospital, preparado para a cirurgia. Em outro registro, um amigo – também influenciador digital de conteúdo humorístico – aparece gravando o jovem ao lado do médico, fazendo perguntas sobre o procedimento. Nesse vídeo, chama atenção a presença de uma Bíblia sobre a cama do hospital, além de evidenciar como o discurso moralista de Manuel acompanha materialmente anatomias e prescrições da masculinidade cisgênera.

Outros vídeos seguem acompanhando o processo de recuperação da cirurgia, com cenas da família presente e emocionada, e das diferentes etapas dessa transformação corporal que Manuel escolheu tornar pública. Não apenas as mudanças corporais e estéticas são mostradas em vídeo, mas também os rituais próprios da conversão religiosa e, por consequência, da renúncia e da aliança com Cristo. Em vídeo postado no *Instagram* e no *TikTok*, no dia 2 de julho de 2023, Manuel registra seu batismo nas águas. Tal rito é central nas tradições evangélicas, especialmente nas vertentes pentecostais, e simboliza publicamente o arrependimento dos pecados, a morte da “velha criatura” e o nascimento de uma nova vida em Cristo. Mergulhar nas águas representa o sepultamento da existência anterior, enquanto emergir delas marca o renascimento espiritual e a adesão a uma nova identidade moral e religiosa. Trata-se de um gesto que sela a aliança com Deus e, ao mesmo tempo, inscreve o corpo do convertido em uma nova gramática de pertencimento e vigilância. E essa etapa tão importante não parece poder ser deixada de lado no compartilhamento público da nova pessoa que Manuel performou.

Em vários outros vídeos nas redes sociais *TikTok* e *Instagram*, Manuel segue documentando suas experiências e o cotidiano, reagindo a comentários e perguntas de seguidores, registrando sua presença em cultos com a família e reiterando a narrativa da transformação espiritual por meio da renúncia ao pecado e do reencontro com Cristo. Nesses vídeos, constrói-se uma nova imagem de si mesmo; ele parece refazer-se, colocando-se inclusive como alguém que leva a palavra de Deus, sobretudo nas postagens mais recentes. Ou seja, seu exemplo público passa a funcionar como forma de pregar o testemunho da mudança de vida em Cristo.

É nesse contexto que passam a circular, também no *TikTok*, vídeos postados por outros usuários, nos quais se vê Manuel pregando em um culto evangélico e dando seu testemunho. Em um telão ao fundo, são exibidas imagens do influenciador enquanto Catty Lares, marcando um passado que ele descreve como pecaminoso, do qual Deus o resgatou, livrou e restituiu à vida como seu servo. A nova criatura que, segundo ele, agora é. E que nesse sentido precisa levar e pregar a palavra da salvação.

Logo no início do anúncio feito por Manuel sobre sua “destransição”, ele apareceu em alguns vídeos ao lado de seu amigo e também influenciador Mikaelyson Henrique, até então assumidamente um homem cisgênero gay. Nesses registros, compartilhados nas redes sociais, observa-se Mikaelyson ativamente envolvido nos rituais que marcaram a “destransição” de Carlos Manuel, acompanhando-o na cerimônia religiosa de corte de cabelo e na remoção da micropigmentação das sobrancelhas.

Oito meses após o anúncio público de Manuel sobre seu “casamento com Jesus Cristo”, em 17 de dezembro de 2023, Mikaelyson também tornou pública, por meio de seu perfil no *Instagram*, sua conversão à vida em Cristo. Na ocasião, publicou uma foto ao lado da mãe, do irmão e da irmã durante um culto evangélico, todos visivelmente emocionados na presença de um pastor. A publicação foi acompanhada por trechos da música gospel *Eu tenho você*, de Marcelo Markes e Isadora Pompeo, que entoa: “Eu estava longe, você estava perto / Eu te rejeitei, em troca recebi afeto / Me senti sozinho, me tornou seu filho / Fez de mim sua morada e eu disse: És bem-vindo”. Na legenda, Mikaelyson escolheu o versículo bíblico de 2 Coríntios 5:17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. A publicação recebeu 2.267 comentários, em sua maioria expressando apoio ao jovem. Entre as mensagens mais recorrentes, incluindo uma fixada pelo próprio influenciador, destaca-se a frase: “Melhor escolha da vida”. A partir desse marco, Mikaelyson passa a utilizar sua conta como um púlpito público para testemunhar e compartilhar sua trajetória de conversão espiritual, a qual inclui também a renúncia à homossexualidade.

Tal como no caso de Manuel, a conversão de Mikaelyson rapidamente viraliza nas redes sociais<sup>10</sup>, alcançando públicos para além do universo religioso estrito. Em sintonia com as reações à “destransição” do amigo, os comentários e outras reações sobre seus vídeos e postagens são atravessados por tensões e disputas morais. De um lado, há quem conteste sua decisão, acusando-o de propagar um discurso LGBTfóbico religioso e reforçando que “não existe cura gay” sobretudo a partir de reações publicadas em vídeo por criadores de conteúdo nas redes sociais; de outro, multiplicam-se mensagens de apoio, que celebram seu retorno à “verdade” de Jesus Cristo e seu compromisso em “vencer a carne”. Há ainda comentários irônicos e jocosos, que questionam sua performance de masculinidade à luz de suas novas escolhas, assim como relatos em forma de testemunho, nos quais outras pessoas afirmam também terem sido curadas pela fé, recusando uma identidade LGBTI+ e atribuindo essa mudança à intervenção direta de Deus.

O que parece ocorrer é que, quando a conversão e a “destransição” são postadas nas redes, elas não apenas se tornam públicas: exigem ser performadas como tais. A enunciação da mudança inaugura uma nova versão de si, que precisa ser continuamente reafirmada, reiterada, compartilhada. A conversão de Mikaelyson, assim como a “destransição” de Manuel, nesse contexto, não são eventos pontuais, mas processos que se desenrolam em cenas, postagens, legendas, reações e outras formas de engajamento. No caso de Mikaelyson, essa trajetória pode ser acompanhada de perto por meio do *Instagram*, onde ele administra dois perfis com o mesmo conteúdo. Um deles tem 381 mil seguidores e o outro, 110 mil,

<sup>10</sup> Diferentemente de Carlos Manuel, Mikaelyson controla a circulação de afetos e reações: em alguns vídeos, desativa os comentários; em outros, permite que os seguidores interajam. A primeira postagem, onde a mudança é anunciada, ainda possibilita comentários do público.

funcionando como contas espelho<sup>11</sup>. Essa duplicidade parece responder à antecipação de um risco: caso uma conta seja derrubada, a mensagem permanece.

Em um conjunto de 14 vídeos, Mikaelyson dá forma visível à sua transformação. Cada postagem compõe uma cena de um realinhamento moral e religioso, estético e subjetivo. Emergindo como um “novo homem”, o jovem passa a se apresentar como alguém que renuncia a um passado marcado pela sexualidade e pela feminilidade, um passado que é, ao mesmo tempo, denunciado e ritualisticamente apagado. Há uma palavra que atravessa esse processo e que o próprio Mikaelyson destaca como princípio: renúncia.

Em um vídeo publicado dias após o anúncio, essa palavra aparece sozinha, centralizada, antecedendo uma nova cena: o jovem empilha algumas peças de roupa, entre elas uma camiseta com as cores do arco-íris, derrama álcool sobre elas e atea fogo. Ele é filmado de frente, observando as chamas com seriedade, enquanto uma música gospel embala a cena. Nesse vídeo, que ultrapassa 73 mil curtidas, os comentários estão desativados. Na legenda, Mikaelyson convoca a autoridade do texto bíblico, citando Mateus 16:24: “Se alguém quiser vir comigo, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”.

Trata-se, argumentamos, de uma produção social pública da transformação, um esforço contínuo de demonstrar, a si e aos outros, a autenticidade da conversão. Como nos lembra Saba Mahmood (2006: 136), a agência não pode ser traduzida apenas como transgressão, mas pode também manifestar-se como uma disposição ética, como uma disciplina do eu, em que as normas podem ser “performadas, habitadas e experienciadas de várias maneiras”, talvez, no caso em questão, um (re)habitar dessas normativas. A renúncia, assim, não é mera negação: é um gesto ativo, performado, visualmente impactante, que busca selar a separação entre o “antes” e o “depois”. Queimar as roupas é parte desse processo: as vestimentas aqui não aparecem apenas como peças de roupa, mas carregam indícios do que ele era e não mais deseja ser (da renúncia e da assunção de um novo self), atuando como suportes de memórias de si ou mesmo como resquícios de sexualidade, uma espécie de poder mágico agentivo, poderíamos divagar. Afinal, como afirma Mikaelyson em outro vídeo, ao responder a comentários sobre a razão de não ter doado aquelas roupas: “*Aquilo que não serve para mim, não serve para o próximo. Eu jamais iria passar para o próximo aquilo que me prejudicou, aquilo que sujou minha alma*”. Em seguida, completa: “*Essas peças de roupa eu usava no mundo que eu conhecia, no mundo que eu aceitava para mim, no qual hoje eu tenho entendimento que era um mundo totalmente de mentiras, de dores e de ilusões*”. O vídeo, mantendo o mesmo tom, termina com o jovem relatando que Jesus o aceitou, justificando assim toda aquela mudança.

Além do processo de mudança que envolve, como vimos, esse ritual de se livrar daquilo que, para Mikaelyson, sujava sua alma, destaca-se a própria produção de um vídeo em que ele se justifica e responde aos seus seguidores. Tal produção dá a tônica da conversão pública, que é, portanto, performada também em relação às críticas, comentários e reações que o jovem recebe ao expor a seus seguidores a constituição daquele novo homem e suas novas “ações” e “posturas” éticas e morais religiosas. Este não é um mero ponto de inflexão, mas um elemento central dessa nova dinâmica, na qual o uso das redes sociais atua como ferramenta de testemunho da conversão sexual incorporada, corporificada e cotidiana a partir da conversão religiosa.

<sup>11</sup> Contas e números de seguidores consultados até 20 de abril de 2025.

Os chamados processos de “conversão sexual” alinhavados a conversões religiosas não são propriamente novos. Pesquisadoras/es vêm se debruçando sobre essas experiências, analisando como estão enredadas em semânticas religiosas, morais e corporais (MACHADO, 1998; NATIVIDADE, 2006). Da mesma forma, a circulação de testemunhos de vidas transformadas pela fé, em especial no contexto evangélico, constitui um elemento estruturante da dinâmica dos cultos e momentos congregacionais (MAFRA, 2002; CORTÊS, 2014). Não se trata de algo periférico, mas de um dispositivo central na tessitura das comunidades religiosas. Esses testemunhos, que podemos compreender como formas narrativas de construção de um “novo eu” ou, como propõe Bispo (2019), como práticas de refazimento de si no mundo, operam ainda como ferramentas de evangelização e de interpelação moral. Afinal a palavra, enquanto anúncio e confissão, é um instrumento fundamental da salvação no universo evangélico.

Especificamente quando envolvem sujeitos que, de alguma forma, ocupavam posições de marginalidade, seja por orientação sexual, identidade de gênero ou outros desvios em relação às normas morais, esses testemunhos extrapolam os muros das igrejas, circulando em diferentes mídias e plataformas. Não são incomuns, por exemplo, os relatos de “cura” da homossexualidade ou da transexualidade em programas de televisão. Ainda que, na maioria das vezes, em emissoras voltadas ao público cristão. Alguns desses casos ganham notoriedade nacional, com indivíduos que se tornam figuras públicas justamente por encarnarem esse enredo de ruptura com o “mundo” e entrega a Deus. Como aponta Natividade (2006), essas narrativas articulam-se a uma economia afetiva e moral que mobiliza tanto o sofrimento quanto a superação, convertendo a experiência individual em exemplaridade coletiva.

Assim, se “a tradição religiosa protestante formulou um caráter público, comunitário, ao redor do testemunho” (BISPO, 2018: 255), as redes sociais parecem, argumentamos, conferir de modo incontornável uma dimensão ainda mais viral à reverberação desses testemunhos. Se levar a palavra de Cristo e testemunhar a mudança que Ele opera nessas vidas não é algo recente, fazer da conversão um processo público e compartilhado nas redes sociais pode, de alguma maneira, ampliar e (re)configurar a própria forma como essas experiências são performadas e vividas. E, por conseguinte, o risco de reconfiguração de agendas políticas que atingem, especialmente, jovens e adolescentes a partir da relação de tutela parental, familismo, religião e cisneridade (FAVERO, 2020).

### **Na arena das redes sociais: reações e interações nos casos de “destransição” e renúncia a homossexualidade**

O que, então, haveria de novo nos casos aqui analisados? Nosso argumento é que a própria arquitetura das redes sociais amplia significativamente a audiência potencial desses discursos, testemunhos e processos de conversão. Diferente de outras mídias, como a televisão, onde o acesso a conteúdos religiosos demandava, até recentemente, uma série de escolhas conscientes como: ligar o aparelho, sintonizar em determinado canal e assistir a um programa explicitamente confessional, nas redes sociais essa fronteira é muito mais porosa. Nessas plataformas, não controlamos plenamente o que nos chega: o conteúdo nos alcança por meio de algoritmos, repostagens, curtidas de amigos e perfis que sequer seguimos.

Foi exatamente dessa maneira que tomamos conhecimento do caso de Carlos Manuel, quando o vídeo de sua “destransição”, apareceu em nossa *timeline* sem que tivéssemos procurado ou seguido seu perfil. Essa lógica algorítmica amplia o

alcance de tais narrativas e as inscreve no espaço público, transformando experiências subjetivas em objetos de debate coletivo. São, portanto, testemunhos que se tornam virais e imediatamente passíveis de reações, críticas, apoio e disputas simbólicas, não apenas nos termos da religião, mas também do gênero, da sexualidade e da política. O que parece ocorrer é o que autores como Poell *et al.* (2019) e Van Dijck (2022) denominam de plataformização: um processo dinâmico, intrinsecamente ligado às dimensões políticas e econômicas, “impulsionado por atores humanos e não humanos” em diversas esferas relacionais da vida (DIJCK, 2019, p. 25). Nesse sentido, talvez estejamos tratando da plataformização dessas experiências disseminadas nas redes como “destransição” e conversão sexual, conforme discutiremos a seguir, a partir das situações empíricas descritas.

Por isso, Mikaelyson responde a seguidores e a uma audiência que passa a participar ativamente de sua conversão sexual e religiosa. Esses espectadores tornam-se, em muitos casos, agentes que vigiam e/ou policiam o processo. Nas postagens, os comentários desempenham uma função normativa, avaliando se o jovem está ou não performando uma masculinidade considerada aceitável. Alguns ponderam que “*os trejeitos talvez nunca desapareçam, mas o importante é viver a santidade*” (Perfil 01, 2025). Outros elaboram comparações teológicas: “*eles (referindo-se a Manuel e Mikaelyson) ainda terão trejeitos, como Paulo teve um espinho na carne. Ele pediu que Deus o tirasse e o que Deus respondeu? A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza*” (Perfil 02, 2025). Em um vídeo de Manuel publicado no *TikTok*, outro usuário comenta: “*está tentando ser homem, mas não convence ninguém com essa voz*” (Perfil 03, 2025).

É justamente Manuel quem interage de forma mais assídua com os seguidores desde o início de sua “destransição”. No *TikTok*, os usuários não apenas fazem perguntas, mas também reagem de diversas maneiras ao seu processo. Manuel, por sua vez, responde ou interage com esses comentários produzindo vídeos em formato de resposta. As interpelações são variadas: “*vai tirar o silicone quando?*” (Perfil 04, 2025), pergunta uma usuária, antes mesmo de Manuel anunciar a cirurgia. Outra indaga: “*you pretende arrumar uma namorada?*” (Perfil 05, 2025). Algumas reações tensionam sua nova identidade e autodeclaração, como a afirmação de uma usuária: “*ele pode até ser evangélico, mas sempre vai ter jeitinho de mulher*” (Perfil 06, 2025), à qual Manuel responde: “*tudo é um processo. Ai quer dizer que, vamos supor, uma pessoa que é viciada em cigarro, ela aceitar Jesus já vai ser liberta? Não. Tudo é um processo*”! Outra seguidora, na mesma perspectiva de tentar regular uma expectativa de masculinidade ou feminilidade, comenta: “*you já mudou muito, só não vê quem não quer*” (Perfil 07, 2025). Também há quem questione o fato de sua voz não ter engrossado, enquanto alguns pedem orações ou manifestam apoio.

Esses comentários provocam novas respostas de Manuel em vídeo, nos quais ele reage a falas como: “*gente, isso não mudou nada, apenas cortou o cabelo*” (Perfil 08, 2025); “*you vai mudar seu nome de perfil?*” (Perfil 09, 2025); “*dá tempo de desistir de retirar o silicone*” (Perfil 10, 2025); “*triste um sonho ter sido destruído pela pressão religiosa*” (Perfil 11, 2025), entre outras diversas mensagens. Esses registros demonstram que a conversão e a “destransição” públicas são compartilhadas e reguladas a partir da relação com os outros que as redes sociais tornam possível.

Mais do que experiências individuais, tais processos são mediados por expectativas e espelhamentos coletivos. São tomados, por alguns, como modelos a serem seguidos ou como possibilidades de uma vida marcada pela renúncia à ori-

entação sexual e de gênero em nome de um viver em Cristo, conforme os parâmetros de uma moralidade cristã. A performatividade desses testemunhos – e da própria conversão religiosa que dá suporte à “destransição” ou à renúncia à sexualidade – não se encerra em sua narrativa inicial. Ela se atualiza continuamente na circulação, nas interpelações e nas reações que provoca. Tais reações não se reduzem a opiniões; constituem formas de participação ativa no processo, expressões de uma interpelação moral. Uma interpelação que opera justamente pelas vias das questões de gênero e sexualidade que nos constituem e pelas quais nos fazemos, atravessadas por semânticas religiosas, políticas ou por ambas ao mesmo tempo.

Assim, por exemplo, pessoas também testemunham nos comentários como Deus também mudou suas vidas, livrando-as da homossexualidade ou restituindo-as a uma pretensa verdade da natureza humana sob o signo do gênero, usuárias e usuários que intitulam-se “ex-gays” e “ex-travestis”. Como um deles no vídeo de batismo de Mikaelyson postado no *Instagram* comenta “*Sou ex-homossexual há 9 anos. Deus me libertou e me transformou. Jesus é a unica saída*” (Perfil 12, 2025). Além de outros testemunhos similares no caso de Manuel, conforme nos debruçamos de forma mais detalhada em outro artigo (ESTEVÃO-REZENDE *et al.*, 2024). Há ainda aquelas que projetam em Mikaelyson uma força e coragem que dizem não ter para renunciar à carne e/ou ao pecado. Um jovem comenta em um dos vídeos do influenciador: “*Queria ter a sua coragem, mas ainda não consigo*” (Perfil 13, 2025), ao que Mikaelyson responde: “*Acredite em Deus, Ele te salvará*”. Mikaelyson e Manuel tornam-se, assim, modelos a serem seguidos por alguns, sendo apoiados em seu retorno a Cristo.

Essa ideia de um modelo a ser seguido ganha ainda mais nuance com o envolvimento de páginas conservadoras no *Instagram* de Manuel. Uma conta dedicada à divulgação de conteúdo para o público que ela própria denomina como “direita conservadora”, com 21,2 mil seguidores, comentou em um dos vídeos do jovem: “*Seu testemunho vai inspirar milhões de vidas!*” Além disso, passou a replicar seus vídeos e postagens. Outro perfil, voltado ao público gospel e com milhares de seguidores, reagiu com a mensagem: “*Você é bênção. É um instrumento poderoso nas mãos de Deus. Siga firme, Deus é contigo, varão*”. Até mesmo uma conta verificada, cuja usuária se identificava como “pré-candidata a vereadora de Rio Claro (SP)”, “transexual de direita” e defensora do lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”, comentou em uma das publicações do influenciador: “*Parabéns, Deus abençoe grandemente sua vida! Lembre-se, não ligue para os comentários negativos! Apenas siga firme que será recompensado! Conte comigo. E mais uma coisa: sou transexual, e essa comunidade que lhe julga não me representa*”.

Essas manifestações de apoio se articulam a uma lógica discursiva em que o testemunho de Manuel passa a ser tomado como referência por diferentes sujeitos e grupos. Assim como a usuária “de direita” mencionada, outras pessoas demonstram adesão ao percurso do jovem e constroem argumentos nos quais os “ataques” recebidos por ele são interpretados como demonstrações de intolerância por parte de quem, contraditoriamente, exige tolerância. Em muitos desses comentários, é possível perceber uma tendência a tornar equivalentes as noções de “comunidade” e “movimento” LGBTI+, o que resulta na associação automática entre críticas à trajetória de Manuel e uma suposta militância LGBTI+, vista, nesse contexto, como intolerante e hostil.

Tais reações inserem-se, assim, em um campo de disputas. Como resposta, diversos sujeitos LGBTI+ também se manifestam criticamente diante das posta-

gens de Manuel e de outros jovens que divulgam processos semelhantes, denunciando como essas falas podem fortalecer discursos que atacam a população LGBTI+ e ameaçam direitos conquistados nas últimas décadas. A conversão religiosa e a “destransição” de gênero acabam, nesse contexto, por interpelar também influenciadores LGBTI+, que se sentem convocados a se posicionar diante desses conteúdos.

Foi o caso de uma influenciadora digital mulher trans, de Belo Horizonte, que publicou em seu perfil no *Instagram*, no dia 7 de junho de 2023, um *reels* no qual aborda o tema da “destransição de gênero”. O vídeo reúne trechos de diferentes postagens feitas por pessoas que relataram esses processos nas redes sociais, incluindo conteúdos produzidos por Manuel. Na legenda que acompanha o vídeo, a criadora de conteúdo afirma:

*Hoje vamos falar de culpa e lavagem cerebral. Podemos resumir a “destransição” com a volta do papel de gênero do sexo designada no nascimento de uma pessoa. Dentro de todo esse processo os aspectos médicos, sociais vão ser revertidos. Se eu era uma mulher trans, eu vou voltar a me identificar como homem. Passar por esse processo não significa que essa pessoa de fato não se sente mais assim ou se arrependeu da sua transição. Na maioria das vezes o período em que uma pessoa supostamente destransiciona é única e exclusivamente em função da violência que sofre. Lembra da cura gay? Do quanto a gente achava isso absurdo? Vocês acham que esse processo que submetem pessoas trans é algo diferente? É tudo a mesma coisa. Propagar uma suposta “destransição” de gênero é fazer de teatro a dor de uma pessoa trans. Que precisava e precisa de acolhimento. O desserviço que as comunidades religiosas servem em relação a esse assunto é tão grande que vemos nitidamente uma lavagem cerebral acontecendo. Essas pessoas acabam ainda se tornando motivos de mais chacota e ataque. Se antes sofria a transfobia agora sofre por ser uma ex pessoa trans. Com quantas pessoas trans você tem contato? Quantas você sabe das lutas internas de disforia e externas contra a transfobia? Apóie seus amigos trans para que eles não busquem esse falso apoio dentro de lugares que nos odeiam.*

A fala da influenciadora parece constituir um contradiscurso ou uma contranarrativa diante dos casos de conversão e “destransição” que ganham visibilidade nas redes sociais. Enquanto figura pública e mulher trans, a criadora de conteúdo utiliza sua visibilidade para denunciar como entidades religiosas se aproveitam da fragilidade e das precariedades estruturais que atravessam as vidas de pessoas trans, oferecendo acolhimento e promovendo aquilo que ela nomeia como “lavagem cerebral” durante o processo de “destransição”. A comparação com a chamada “cura gay”, entendida como uma prática historicamente denunciada e politicamente combatida, permite situar esses novos casos dentro de uma linhagem já conhecida de violências contra corpos dissidentes em termos de sexo e gênero. Essa aproximação evidencia continuidades entre os processos analisados, especialmente diante da visibilidade que sexualidades e identidades de gênero assumem nessas tramas. Destacamos, nesse contexto, o papel das redes sociais como agentes centrais em arranjos co-construídos e co-constitutivos do que vem sendo entendido, no presente, como conversão e “destransição”.

Além disso, a criadora convoca seus seguidores e o público mais amplo a um exercício de cuidado e atenção com pessoas trans, no intuito de evitar que sejam cooptadas por grupos religiosos conservadores. Ainda que se possa problematizar como essa retórica, em certa medida, corre o risco de reduzir tais pessoas à condição de meras vítimas, é fundamental considerar que sua autora está profundamente implicada na circulação desses conteúdos e em seus efeitos. O que identificamos, então, é um uso político e situado da fala, um esforço de reagir publicamente a práticas que, em última instância, afetam a vida da própria criadora, do coletivo ao qual pertence e também a nossa, enquanto pesquisadores engajados

na produção deste artigo e que tiveram suas juventudes afetadas por diferentes ferramentas de perseguição e assédio moral a pessoas LGBTI+ em contextos religiosos.

Não apenas a influenciadora citada, mas também outras/os criadoras/es de conteúdo LGBTI+ foram interpeladas/os a tratar do tema em suas redes sociais. É o caso de um médico psiquiatra trans, cujo vídeo no *TikTok* – sobre Manuel e outros casos de “destransição” – viralizou e foi, inclusive, repostado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em sua página no *Instagram*. A própria organização da sociedade civil, no dia 23 de maio de 2023, sem citar diretamente o caso específico de Manuel, mas fazendo referência explícita a ele, publicou uma imagem com o seguinte e breve pronunciamento: “Pessoas que ‘destransicionam’ precisam de acolhimento e apoio. Desejamos que sejam felizes. O que elas não precisam é do nosso julgamento, da nossa visibilidade ou ter mais atenção do que quem continua sofrendo transfobia. Sigamos de mãos dadas a quem continua do nosso lado!”. Importante notar que aqui não há uma universalização da “destransição”; portanto marcamos novamente que em nossa análise tratamos especificamente de processos de conversão e “destransição” engendrados e substanciados por setores religiosos, em grande parte, reacionários.

Não nos cabe aqui recorrer a qualquer forma de relativismo ético ou simetria. As reações da influenciadora trans, de criadoras e criadores de conteúdo, e da ANTRA se dirigem frontalmente a um conservadorismo religioso que, longe de ser apenas um discurso entre outros, constitui hoje um projeto político. Capaz de produzir efeitos concretos e violentos sobre as nossas vidas, em especial quando localizadas socioeconomicamente em camadas populares<sup>12</sup>. Trata-se de um conservadorismo fecundo, enraizado em tradições morais e religiosas, mas também amplamente engajado nas disputas contemporâneas sobre os rumos do país; um conservadorismo que tensiona, ataca e fragiliza cotidianamente os direitos das pessoas LGBTI+ e de outros grupos historicamente marginalizados. Ora, em 2018, elegemos um presidente com falas declaradamente homofóbicas, que acreditava na surra como forma de “cura” da homossexualidade. Em 2023, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, o deputado mais votado por Minas Gerais atacou pessoas trans, dizendo que seriam “homens que se sentem mulheres” e que estariam disputando com as “verdadeiras mulheres” seus espaços e lutas.

Esses sujeitos e coletivos reagem porque conhecem na pele os efeitos deste ataque que se atualiza sob novas roupagens: agora com *hashtags*, *likes* e vídeos com milhões de visualizações. De modo que, os que se engajam publicamente em processos de conversão e “destransição” muitas vezes acabam colaborando, ainda que não o reconheçam, com a legitimação desse mesmo projeto conservador. Ao serem transformados em modelos de propagandas morais por setores conservadores religiosos e políticos, seus testemunhos não apenas reafirmam a ideia de que a homossexualidade e a transgeneridade seriam desvios a serem curados, mas oferecem uma narrativa ideal para a cruzada moral que há muito tempo tenta se impor como verdade absoluta no debate público.

Esses casos extrapolam o âmbito do privado ou do indivíduo, uma vez que são performados e tornados públicos no *Instagram*. Carlos Manuel e Mikaelyson tornam-se agentes de um processo que, para alguns, representa um modelo a ser seguido. Isso interpela inclusive a nossa escrita, que não se coloca como uma simples denúncia, mas como uma tentativa de demonstrar o que, por vezes, parece

<sup>12</sup> Fizemos o possível para não perder de vista, em momento algum, que o setor evangélico ocupa um lugar de abstenção do estado brasileiro dentro de comunidades empobrecidas. Da mesma forma que, enquanto pessoas brancas, não podemos dizer da experiência evangélica com corpos de racialidades dissidentes.

ter se tornado *viral ou trend*, como vemos todos os dias, nas redes sociais, em diversos outros exemplos: duas pessoas com camisetas onde se lê “renúncia” pedem no *TikTok* ajuda para retirar as próteses mamárias e glúteas, afirmando-se “*ex-trans*”; um vídeo de uma adolescente viraliza no *Twitter*, onde aparece ao lado dos pais chorando e pedindo, em um culto, para se livrar da lesbianidade; em outro caso, jovens postam no *TikTok* quantos dias estão “renunciando à homossexualidade”.

São efeitos incorporados, corporificados e cotidianos. Não há como se estabelecer a semântica sem a relação entre o discurso e o material. E, como efeitos, trazem à nossa comunidade aquilo que a política e os grupos cristãos conservadores há muito anunciam: ‘a nossa cura’ mascarada pelo extermínio de nossa humanidade e cidadania. Nosso empenho, enquanto pesquisadores politicamente posicionados, um homem cis gay e uma travesti, é o de evidenciar este processo de disputa política e religiosa sobre nossos corpos. Disputa que não é recente, mas que ganha amplitude, adeptos e audiência ao ser multiplicada e publicada nas redes sociais.

## Considerações finais

Neste artigo, a partir de uma etnografia conduzida pelas redes sociais de dois influenciadores, buscamos refletir sobre um processo extremamente complexo: a conversão religiosa articulada à “destransição” de gênero e à renúncia da homossexualidade. Trata-se de uma temática que abre múltiplas possibilidades de análise. Optamos, no entanto, por investigar como os usos das redes sociais não apenas tornam mais visíveis essas experiências, mas também as atualizam e ressignificam diante de um público mais amplo, ultrapassando os limites de alcance que testemunhos semelhantes tinham em mídias convencionais. Essa ampliação da audiência, somada à própria arquitetura das plataformas, parece gerar transformações significativas na forma como são performadas a “destransição” de gênero e a renúncia à homossexualidade. Argumentamos que: 1) a “destransição”, a “conversão sexual” e a adesão religiosa precisam ser reiteradas, documentadas, compartilhadas e encenadas em muitas fases; 2) um público assíduo acompanha, interage, reage e parece participar da regulação dessas etapas, ainda que em níveis variados. O que notamos é uma plataformação das performances e semânticas associadas à “destransição” e à conversão, à medida que as plataformas digitais passam a operar como arenas de visibilidade, monetização, engajamento e debate público desses processos.

Assim, o que nos parece é que Carlos Manuel e Mikaelyson, passam a atuar como influenciadores religiosos e morais. Isso exige uma reformulação na forma como constroem e performam seus “novos eus” diante de um público digital. Diferentemente da conversão privada ou do testemunho mediado por lideranças religiosas, aqui os sujeitos respondem diretamente às interpelações dos seguidores e outros usuários das plataformas digitais. Dialogam, refutam críticas, reforçam argumentos, compartilham trechos bíblicos e expõem corporalmente sua “mudança”.

Os públicos, por sua vez, não se limitam a observar. Interagem, regulam condutas, opinam sobre, ao passo que também constituem, graus/parâmetros de masculinidade ou feminilidade, através do incentivo ou críticas aos processos. Enquanto alguns parecem utilizar essas experiências como modelo para convocar outras pessoas LGBTI+ à renúncia de suas identidades e ao retorno à “vida com Cristo”, outras, como influenciadoras, coletivos e pessoas LGBTI+, também se

veem interpeladas a reagir diante desses casos. Em certa medida, buscam denunciar como tais processos, sobretudo quando amplamente viralizados, podem impactar negativamente a vida da população LGBTI+. Argumenta-se também que as narrativas de conversão e “destransição”, capturadas e amplificadas por grupos religiosos conservadores, passam a ser instrumentalizadas como dispositivos de convencimento e normatização, operando como contraexemplos da vivência LGBTI+.

Enfim, as conversões de Mikaelyson e Manuel operam como eventos catalisadores, ativando disputas simbólicas que atravessam os campos religioso, político e cultural. Enquanto pesquisadora e pesquisador LGBTI+, afirmamos aqui nossa inquietação diante da possibilidade de que esses processos, dada sua ampla circulação e viralização, venham a se tornar ferramentas normativas mobilizadas politicamente para definir como devemos ser, viver ou amar. Compartilhamos a apreensão de que tais testemunhos, mediados por discursos religiosos e morais, passem a ocupar o lugar de referências legítimas e exemplares daquilo que se espera de corpos dissidentes. Trata-se de sentimentos e reflexões que nos atravessam diretamente, não como projeções futuras, mas como efeitos concretos já perceptíveis, inclusive em nossas próprias redes sociais. Por isso, escrevemos sobre esses casos não como uma simples denúncia, mas como uma análise situada dos embates contemporâneos em torno de gênero e sexualidade, tal como se produzem na fronteira borrada entre o online e o offline, entre o discurso e a matéria. Reconhecemos, assim, a urgência de disputar projetos e sentidos nesses múltiplos campos da vida social.

Por fim, muitas questões permanecem em aberto: os modos de engajamento e construção de carreiras nas redes em torno desse tipo de conteúdo; o fato de que a viralização gera capital simbólico e financeiro; a necessidade de uma análise mais aprofundada dos discursos religiosos mobilizados; entre outras. Essas e outras possibilidades analíticas seguem pulsando, talvez à espera de novas ocasiões ou de novas/os pesquisadoras/es interessadas/os em enfrentá-las.

*Recebido em 15 de maio de 2025.*

*Aprovado em 10 de agosto de 2025.*

## Referências

- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham: Duke University Press, 2007.
- BISPO, R. Deus dá uma segunda chance: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. *Horizontes Antropológicos*, 25: 111-139, 2019.
- BISPO, R. Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico. *Horizontes Antropológicos*, 24: 249-77, 2018.
- BRAZ, Emília. Hair is everything: materializando a cisgeneridade a partir dos pelos corporais. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, 2024.
- CORTES, M. O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento. *Religião & Sociedade*, 34: 184-209, 2014.
- ESTEVÃO-REZENDE, Y. A.; OLIVEIRA, L.; BASÍLIO, M. L.; LIMA, N. D. A. Casamento com Jesus Cristo": moralidades, religião e políticas de gênero no caso" Catty Lares. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 40: e22304, 2024.
- FACIOLI, Lara; PADILHA, Felipe. Ética e pesquisa em Ciências Sociais: reflexões sobre um campo conectado. *Mediações*, 24 (1): 228-258, 2019.
- FAVERO, Sofia. *Crianças trans: infâncias possíveis*. Salvador: Editora Devires, 2020.
- HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos De Campo*, 29 (2): 1-42, 2020.
- MACHADO, M. D. C. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de aids: notas de uma pesquisa. *Cadernos Pagu*, 11: 275-301, 1998.
- MAFRA, Clara. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, 10 (1): 121-58, 2006.
- NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21: 115-32, 2006.
- POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Platformisation. *Internet Policy Review*, 8 (4): 1-13, 2019.
- RIFIOTIS, T. Etnografia no ciberespaço como "repovoamento" e explicação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31 (90): 85-98, 2016.
- VAN DIJCK, J. Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataforma e sua governança. *Matrizes*, 16 (2): 21-44, 2022.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem..* Petrópolis: Vozes, 2013.

